

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**O IMPACTO DA MATERNIDADE NA VIDA ACADÊMICA E PROFISSIONAL
DE UMA ESTUDANTE DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Viviane Gonçalves da Silva

Porto Alegre

2023

Viviane Gonçalves da Silva

**O IMPACTO DA MATERNIDADE NA VIDA ACADÊMICA E PROFISSIONAL
DE UMA ESTUDANTE DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Bacharelado em Educação Física, da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Orientadora: Profa. Dra. Lisandra Oliveira
e Silva

Porto Alegre

2023

Viviane Gonçalves da Silva

O impacto da maternidade na vida acadêmica e profissional de uma estudante
de Bacharelado em Educação Física

Conceito Final: A

Aprovado em 04 de abril de 2023

Banca examinadora:

Avaliadora: Raquel da Silveira - ESEFID/UFRGS

Orientadora: Profa. Dra. Lisandra Oliveira e Silva - ESEFID/UFRGS

Dedico esse trabalho ao meu filho Vicente, e lhe agradeço por me mostrar o verdadeiro significado de amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Tenho grande orgulho de estar prestes a me formar em mais um curso de uma Universidade pública. Posso considerar uma grande vitória para mim, enfrentar as barreiras que se colocaram ao meu caminho até chegar onde estou hoje. Também me orgulho de não ter sido reprimida perante as desigualdades e desvalorizações que enfrentei ao longo da jornada como mãe, estudante, trabalhadora e mulher.

Devemos sempre lutar pelos nossos sonhos e por nossos direitos. Principalmente pelo direito de uma educação digna, base para todas as mudanças que ansiamos. A maternidade dificultou, porém, não me impediu de ir em busca do crescimento acadêmico e profissional.

Por estar aqui hoje, sinto que devo agradecimentos principalmente à minha mãe. Agradecer por viver tantas dificuldades e tantas barreiras colocadas na vida de uma mãe solo. Agradecer por continuar enfrentando essas dificuldades ao meu lado, exercendo o papel de vó. E que vó maravilhosa, obrigada por nos amar tanto e cuidar de nós, desde sempre.

Agradeço também ao meu menino Vicente, que me deu a chance de experimentar o amor de mãe, responsável por suportar as dificuldades da vida, que me colocou em uma situação onde fui obrigada a evoluir como pessoa e como mulher. Obrigada por me fazer renascer, por ser meu incentivo de vida e por me dar um motivo pra acordar todos os dias e lutar por um mundo melhor, pra ti e para nós. Tu me vez enxergar o mundo de outra forma, com mais amor, mais empatia e entender as dores causadas pela maternidade.

Agradeço às minhas amigas, por fazerem parte do meu apoio emocional, por entenderem a minha ausência e estarem sempre ao meu lado.

Agradeço também ao meu namorado William, que me ajudou de diversas formas, sempre me incentivando e me mostrando o quanto sou capaz.

Por fim, agradeço a minha orientadora, que aceitou o desafio de realizarmos esse trabalho em tão pouco tempo. Serei eternamente grata por todo apoio, confiança, e dedicação ao longo desse trabalho.

*Depois de ti
A vida teve mais cor
E o amor, mais valor*

*Depois de ti
Eu mudei
Por ti e por nós*

*Depois de ti
Eu não sou mais eu
Eu sou nós*

*(Viviane,
Tua mãe.
Primavera de 2020)*

RESUMO

Venho refletindo sobre como a maternidade pode ser um ato de resiliência na vida de uma mulher. Nossa sociedade, ao longo dos anos, criou e enraizou a ideia de que a mãe é a melhor cuidadora dos filhos. Isso nos remete a ideia da divisão sexual do trabalho, gerando uma imensa sobrecarga física e psicológica na mulher. Assim, o objetivo deste trabalho foi compreender o impacto da maternidade na vida acadêmica e profissional de uma estudante de Bacharelado em Educação Física. Para isso, foi realizada uma narrativa autobiográfica buscando entender e visibilizar as dificuldades encontradas por uma mãe para reingressar ao mercado de trabalho, à vida acadêmica e à rotina anterior à gestação. Contudo, também é preciso que problematizemos as questões referentes às desigualdades de gênero e a posição subalternizada da mulher, que usa a maternidade como principal ferramenta de opressão e de manutenção para o patriarcado. A mulher mãe deve ser respeitada, valorizada e apoiada, tanto pelas Universidades, quanto também pelo mercado de trabalho e pela sociedade, aumentando assim, as chances de crescimento profissional e pessoal.

Palavras chave: Maternidade; Universidade; Mercado de Trabalho; Desigualdade de Gênero.

ABSTRACT

I've been reflecting on how motherhood can be an act of resilience in a woman's life. Our society, over the years, has created and rooted the idea that the mother is the best caregiver for the children. This brings us to the idea of the sexual division of labor, generating an immense physical and psychological burden on women. Thus, the objective of this work was to understand the impact of motherhood on the academic and professional life of a Bachelor of Physical Education student. For this, an autobiographical narrative was carried out, seeking to understand and make visible the difficulties encountered by a mother in reentering her work environment, academic life and pre-pregnancy routine. However, we also need to problematize issues related to gender inequalities and the subaltern position of women, who use motherhood as the main tool of oppression and maintenance for patriarchy. The woman mother must be respected, valued and supported, both by Universities, as well as by the labor market and society, thus increasing the chances of professional and personal growth.

Keywords: Maternity; University; Job market; Gender Inequality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
2. OBJETIVO GERAL	17
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3.1. MATERNIDADE E GRADUAÇÃO	18
3.2. MATERNIDADE E A VIDA PROFISSIONAL	21
3.3. MATERNIDADE NA PANDEMIA.....	25
4. METODOLOGIA	28
4.1. PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO	29
4.1.1. REDES SOCIAIS	30
4.1.2. NOTAS SOBRE MATERNIDADE	30
4.1.3. DIÁLOGOS COM OUTRAS MÃES	31
5. ANÁLISES E RESULTADOS.....	32
5.1. FIQUEI GRÁVIDA, E AGORA?	32
5.2. OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA ACADÊMICA	33
5.3. OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PROFISSIONAL	36
5.4. OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PESSOAL.....	38
5.4.1. MATERNIDADE SOLO	40
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O atual cenário da maternidade geralmente é baseado em uma romantização do ser mãe, como se a mulher fosse programada para viver essa realidade. Eu, ao relatar minha experiência, prefiro não seguir esse padrão, me negando a ser mais uma ferramenta de ilusão, como se tudo que eu vivo fosse um mar de rosas. Devemos sempre relatar os fatos como eles realmente são, a maternidade real, vivida e sofrida no dia a dia. Diversas vezes ouvimos conselhos do tipo: “tudo vai ficar bem” ou “isso passa” e é verdade, porém, muitas vezes, demora pra passar e até ficar tudo bem, há um processo longo e doloroso. A maternidade não é simplesmente um ato individual, mas sim uma prática social, que, inclusive, já teve inúmeras transformações ao longo da história.

Antes de ser mãe, o exercício da maternidade nunca foi meu principal objetivo de vida. Pensava inclusive na possibilidade de não me tornar mãe, por medo não só do desafio que uma criança representa, mas também da falta de resiliência diante do mundo maternal. Porém, ao mesmo tempo, pensava que se fosse o caso, gostaria de ser mãe cedo, podendo ter mais disposição para acompanhar a infância do meu filho. Mesmo com todas essas dúvidas e contradições, acabei engravidando, em fevereiro de 2020. Era o ano da minha formatura no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), participei da colação de grau no início da gestação, até então, não descoberta.

Com o passar das semanas, em meados de abril, já matriculada no curso de Bacharelado em Educação Física, comecei a sentir fortes cólicas o que me fez ir a um ginecologista, descobrindo a gestação não planejada. Inicialmente foi um choque, para mim, para o pai da criança e toda nossa família, afinal, não esperávamos por isso.

Lidar com essa situação me trouxe à tona uma enorme incerteza, de como seria minha vida dali pra frente, quais seriam os desafios que eu enfrentaria? Como eu lidaria com os desafios de criar um filho na sociedade atual? Eu não sabia nem ao certo se iria me identificar como mãe, se eu encontraria meu lugar no mundo, para mim e para meu filho. Acredito que essas questões até hoje não foram respondidas.

Como se não bastasse ter que assimilar uma gestação, recém formada e desempregada, ainda passávamos pelo início da pandemia do COVID-19. Qualquer acesso à serviços de saúde era complicado e arriscado, porém, necessário. Por conta disso, também fui afastada do estágio que exercia em uma academia de musculação. Tudo, absolutamente tudo tinha fugido da normalidade, nada mais era como antes e isso me assustava. Tratava-se de um momento de cuidado, sobrevivência e reinvenção. Aprendi outras formas de viver uma gestação, a universidade e as relações pessoais. O isolamento social, recomendado pelo Ministério da Saúde, embora extremamente necessário, desestruturou meu psicológico, fez eu me sentir sozinha, justamente em um momento que tanto precisava de apoio.

O que mais ouvi ao longo dos 9 meses da gestação, foram questionamentos referentes a minha vida acadêmica e profissional. Comentários do tipo: “agora não vai cursar o bacharel?”, “vai largar as academias né?”, “a tua profissão te consome muito tempo, vai ter que te adaptar”, foram muito presentes e muito desconfortáveis. Foi incrível vivenciar como as pessoas “naturalmente” colocam todos os encargos de uma criança nos braços da mãe. Será que essas perguntas também foram feitas ao pai? Ou será que pra ele era considerado “normal” manter sua rotina habitual podendo manter seus estudos e sua vida profissional sem maiores preocupações?

A gestação, na maior parte do tempo, se apresentou tranquila, alguns desconfortos foram vividos, mas nada fora do comum. Contudo, com o passar das semanas, tudo foi ficando mais complicado, o aumento do peso corporal, as dores no corpo, o inchaço nas pernas. Eu já não aguentava mais. Assim como a maioria das mães, ansiava pelo nascimento, desejava ter meu filho nos braços. Hoje, ao olhar para essa experiência e refletindo sobre ela para realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, penso que deveria ter aproveitado mais, dormido e descansado mais, pois nada dali pra frente foi fácil. Final de outubro de 2020, no dia 22, nasceu o menino Vicente, natural de Tramandaí, apressado, de 35 semanas em um parto normal, rápido e humanizado. Um bebê lindo, de sorriso banguela, cheio de vida e que ressignificou toda minha existência.

As primeiras semanas de maternidade não me trazem boas lembranças. Durante o puerpério, juntamente a fatores relacionados ao desequilíbrio hormonal,

enfrentei um terrível baby blues¹, onde não via alegria na vida, me sentia sozinha e apavorada com as responsabilidades remetidas a um recém-nascido. Desde sempre, nunca tive muito apoio por parte do pai da criança, ele sempre se apresentou de forma insuficiente, não estando consciente das suas reais atribuições como pai. Dependia da minha mãe para tudo, que inclusive serei eternamente grata. A falta de apoio associada as questões hormonais do pós parto me ocasionaram um desequilíbrio psicológico e emocional muito grande. Com o passar do tempo, a vida foi se tornando mais leve, apesar do acúmulo de tarefas, a maternidade já me trazia alegrias. Assim, os dias foram ficando menos cinzas, comecei a encontrar felicidade nos pequenos momentos e ver o quanto sou feliz por ser mãe.

Foram e estão sendo momentos novos, de incerteza e muito desafiadores. O ser mãe, para mim, sempre será desafiador. Além disso, o puerpério complicado, a dificuldade na amamentação, o cansaço, a privação de sono, a criação de um ser humano, me lavaram a uma sobrecarga física e psicológica imensurável. Infelizmente, isso é visto pela sociedade como situações "naturais" para uma mãe, havendo muitas vezes uma romantização da situação, como se ser mãe gerasse apenas o encargo de amar incondicionalmente o seu filho. Quem dera fosse.

Juntamente com todas questões da maternidade, eu ainda consegui conciliar o final da minha graduação de bacharelado em Educação Física na UFRGS, em 2021. Por sorte, peguei a fase do Ensino Remoto Emergencial (ERE)², onde o ensino se dava de forma totalmente remota por conta da pandemia da COVID-19. Eu, claramente, concluí as últimas cadeiras com o Vicente em meus braços, vezes me ajudando, outras nem tanto. Ao finalizar todos os créditos do Curso, optei por trancar a matrícula, deixar meu filho ser menos dependente para que eu pudesse me dedicar melhor na realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Com o passar dos meses, a vontade de retomar a vida pré gestação foi tomando conta de mim. A necessidade de voltar ao mercado de trabalho, um Curso Superior esperando para ser concluído e a vontade de voltar a praticar exercícios (minha principal ocupação nas horas de lazer), me fizeram pensar como eu poderia

¹Transtorno emocional que pode se manifestar durante o puerpério desaparecendo (ou não) ao decorrer dos dias. Geralmente caracteriza-se por sentimentos de ansiedade, tristeza, choro, apatia, culpa, entre outros.

² Art. 1º Estabelecer a adoção do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para o Ensino de Graduação, a partir do período letivo 2020/1, enquanto permanecer a situação emergência de saúde, nos termos desta Resolução (UFRGS, 2020).

conciliar todas essas tarefas com a maternidade. Como o meu dia poderia se dividir em tantas partes se uma criança precisa de cuidado em tempo integral? Quem seria responsável por cuidar, educar e criar meu filho?

Hoje, o Vicente já com dois anos de idade, continua ocupando grande parte do meu dia com suas atividades. Atualmente passamos por uma investigação referente ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), já dando início as Terapias Ocupacionais (TO) e acompanhamento com neurologista. Inicialmente a investigação começou através do Sistema Único de Saúde (SUS), porém, devido à demora para encaminhamentos das especialidades (fonoaudiologia, terapia e neurologista), optei por realizar o acompanhamento também pela rede privada.

Todas essas demandas fazem parte do meu trabalho reprodutivo, invisível e não remunerado. Aos olhos de muita gente, passo apenas por situações “normais”, sendo de minha exclusiva responsabilidade, afinal de contas, eu sou mãe.

A escola municipal de Educação Infantil me ajudou muito na questão de conseguir me manter ativa profissionalmente. Entretanto, ainda tenho que conciliar meus alunos de acordo com os horários da escola, pois fora desse momento, dependeria da minha mãe para assumir os cuidados com o meu filho. Vivo constantemente tendo que me adaptar, assumindo todas as responsabilidades de forma exclusiva, sem muitas opções com quem dividir as obrigações.

Acredito que não só eu, como muitas ou quase todas as mães da sociedade atual, que ocupam o mercado de trabalho, que buscam por formação acadêmica, entendem o quanto é difícil essa situação. Existe a vontade e a necessidade de seguirmos a vida, mas também, existe um sentimento de culpa, por, de certa forma, termos que terceirizar os cuidados de nossos filhos. A grande questão é, até que ponto nós mulheres temos a capacidade de exercer multitarefas? Deveríamos ser "obrigadas" a exercer duplas ou triplas jornadas de trabalho? Até que ponto isso não impacta na própria criação de nossos filhos?

Com tantos questionamentos que recaem sobre nós, me motivei a direcionar a temática desse TCC a questões que visibilizem as dificuldades pertencentes àquelas que vivenciam a mesma realidade que eu, refletindo sobre as questões imputadas e também retiradas a nós mulheres quando assumimos socialmente o papel de mãe. E, por perceber que, além disso tudo, a formação de nível superior e as Universidades não podem mais nos deixar na invisibilidade, pois como querem

que a gente se mantenha e conclua nossas formações com condições tão desgastantes que vivemos ao nos tornarmos mães? Ouvir de docentes: "é só trancar a matrícula e voltar depois" não é a resposta que desejamos e merecemos ouvir. Precisamos é de apoio para não desistirmos.

No próximo capítulo, aprofundo o que narrei até aqui e como fui percebendo que a temática da maternidade estava me modificando, a ponto de pensá-la como tema de pesquisa desse TCC.

1. PROBLEMA DE PESQUISA

Desde que tive a experiência com a maternidade, em 2020, pude refletir quais as formas que as mulheres utilizavam para conciliar as tarefas diárias, tanto pessoal quanto profissional, a formação acadêmica e as responsabilidades e tarefas exclusivas ao público feminino que se torna mãe.

Grande parte das pessoas, incluindo mulheres não mães, não pensam nas dificuldades que é se posicionar como mulher, em uma sociedade machista, patriarcal, que preza pela subordinação da mulher em relação ao homem. Além de viver tentando adaptar a vida normal com o fato de ser mãe e responsável por alguém tão pequeno, dependente e indefeso.

Mães, principalmente as de primeira viagem e solas, enfrentam enormes dificuldades, por exemplo, a falta de uma rede de apoio eficiente, um mercado de trabalho que as acolha, muitas vezes, machista e exclusivo, e a pouca ou nenhuma participação do genitor nas tarefas, demandas que envolvem o cuidado com uma criança. Muitos destes inclusive, na maioria das vezes, nem podem ser chamados de pai, pelo fato de não exercerem suas funções e deveres que a paternidade implica. A falta de informação, de acolhimento e de força para seguir, faz com que muitas de nós abandonemos nossos sonhos, nossos estudos e, até mesmo, nossos empregos e, quando possível, restringimo-nos, exclusivamente, a maternidade, como se esta fosse a única via possível de sermos e estarmos no mundo.

Nós mulheres como mães que somos, tenderemos sempre a ter uma posição desvalorizada na sociedade, sendo minimizadas, invisibilizadas e violentadas de diversos modos. Dessa forma, como podemos pensar que uma mulher seria capaz de exercer suas atividades profissionais, praticar alguma atividade física, ter um tempo pra si, frequentar uma universidade, e ainda assim, ser a principal responsável pelo provento da família e pela criação de uma criança? Difícil imaginar que seja possível ou que não seja necessário a intervenção de outras pessoas no processo, além de políticas públicas de apoio às mães.

Falar e ser ouvida, para nós, é uma maneira de existir. Assim, vivenciar a situação, como protagonista de história, fez eu, pela primeira vez, entender as dificuldades que uma mãe passa em nossa sociedade e como existe pouca ou nenhuma assistência com esse público, que necessita tanto de atenção. Assim, e a

partir da minha experiência com a maternidade, que apesar de singular, entendo ser coletiva, esse trabalho tem como seguinte problema de pesquisa: **Como a maternidade impacta a vida acadêmica e profissional de uma estudante de Bacharelado em Educação Física?**

Na próxima sessão apresento os objetivos geral e específicos da pesquisa.

2. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho trata de compreender o impacto da maternidade na vida acadêmica e profissional de uma estudante de Bacharelado em Educação Física.

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- Compreender os impactos da maternidade vivida concomitantemente ao período de formação acadêmica;
- Compreender os impactos da maternidade na vida profissional e os principais desafios dessa experiência.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A seguir, apresento a revisão de literatura realizada para esse trabalho, a partir de temáticas que me ajudaram a compreender, narrar e refletir sobre a experiência da maternidade no universo acadêmico.

3.1. MATERNIDADE E GRADUAÇÃO

Por muitos anos, as vagas das Universidades eram ocupadas, principalmente por homens. Com as conquistas feministas, finalmente as mulheres estão ocupando cada vez mais os espaços acadêmicos e outros espaços na sociedade. Assim, o processo histórico de mulheres no ingresso à educação superior vem evoluindo bastante, porém, esse fato longe está de ser o suficiente para garantir a equidade de gêneros.

Além disso, esse assunto traz à tona o grande problema de gênero historicamente estabelecida em nossa sociedade. Mulheres, no geral, tendem a ter muito mais implicações ao longo de sua vida, tanto pessoal, quanto acadêmica e profissional:

O destino de identidade e atividades como a separação dos âmbitos de ação para homens e mulheres, que estão valorizados de forma diferente, é a expressão social da desigualdade. Desta valorização desigual surge um acesso também desigual ao poder e aos recursos, o que hierarquiza as relações entre homens e mulheres. As diferenças nas remunerações no mercado de trabalho, por exemplo, são partes importantes da desigualdade entre os sexos. Mas existem muitas outras esferas de benefícios diferenciados: na divisão do trabalho dentro do lar, no grau de cuidados ou de educação recebidos, na liberdade de escolha, respeito ao tipo de vida que se deseja levar (SANTANA; BENEVENTO, 2013, p. 1).

A maternidade gera mais uma função na vida da mulher, já que essa, de certa forma, já é incumbida de tarefas pessoais, domésticas e, somando a isso, as diversas responsabilidades vinculadas aos cuidados dos filhos, a sobrecarga só aumenta. Houve, historicamente, uma "naturalização" dessa realidade, especialmente sobre mulheres com tarefas destinadas somente a elas, por serem mãe e, do mesmo modo, por serem mulheres. Para Bitencourt (2017), aquela mãe que se dedica integralmente ao seu filho, é vista pela sociedade como alguém que

“não faz nada além da obrigação”, afinal, ela é mãe. Já o pai, quando é dedicado e atencioso com a criação de seu filho, é visto como algo exemplar:

[...] diariamente as mulheres mães são coagidas, orientadas e instruídas a adquirir certas práticas relacionadas à maternidade, sendo obrigadas a se desdobrar física e psicologicamente em nome do “cuidado materno”, frequentemente tendo suas vontades próprias e características subjetivas surripiadas com o propósito da manutenção do sistema patriarcal (RIBEIRO, 2016, p. 27) [grifo do autor].

Bezerra (2016) afirma ainda que há uma urgência na desconstrução do que entendemos como tarefas dos homens e das mulheres e que a sociedade reafirma constantemente. O velho ditado que diz: “quem pariu os seus que os embale”, por exemplo, ressalta a ideia que “o filho é da mãe”, desconsiderando as ideologias trazidas e que determinam o papel da mulher na sociedade.

Para Aragão e Kreutz (2010, p. 109):

[...] o positivismo acreditava que a educação se iniciava na família, atribuía à mulher o papel de educar e moralizar as novas gerações. Essa deveria ser a rainha do lar, cuidando da casa, do marido e dos filhos, tendo que seguir certos modelos de comportamento, a serem ensinados pela educação formal, daí a diferença nos currículos entre homens e mulheres.

É fato que hoje, muitas vezes, temos que ocultar o nosso lado mãe, deixar nossos filhos de lado para que continuemos nossos estudos, para que possamos manter nossa profissão. Essas responsabilidades são dadas exclusivamente para as mulheres, ao ponto de que, muitas vezes, acabem por nos silenciar, sendo considerado "normal" o desafio que é criar e educar uma criança.

A maternidade demanda mais de uma mulher do que se pode imaginar e ela está associada a diversos fatores, fora as exigências da vida profissional. Além disso, vincular o materno com as obrigações do cotidiano acadêmico, que requer comprometimento e responsabilidade dos discentes, faz com que grande parte das mulheres mães abandonem os estudos. E esse abandonar, muitas vezes, é iniciado com o trancamento do Curso. São poucas as mães estudantes que cancelam um semestre e conseguem retornar no semestre seguinte. Muitas dessas, geralmente, não possuem uma rede de apoio adequada, além de, muitas vezes, não receberem apoio e a devida participação do genitor (SANTOS, et al., 2019).

Ramalho, Lopes e Cardoso (2023) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar experiências de mães universitárias, pretas/negras ou pardas e da classe trabalhadora, no curso de Educação Física na Universidade Estadual de Montes Claros. Foi aplicado um questionário de forma online para 12 participantes, tanto do Bacharelado, quanto da Licenciatura. Nesse estudo, observou-se que a maioria das mães vivenciavam dificuldades diárias para conciliar a Universidade com os afazeres domésticos. Dentre os principais relatos, ter com quem deixar os filhos e a falta de tempo para com as tarefas estudantis foram os principais pontos citados pelas mulheres. Outra questão importante ressaltada, foi que, tais mulheres se viam como únicas responsáveis pelas demandas de seus filhos.

Assim como eu, muitas mulheres vivenciaram a maternidade juntamente ao processo de formação acadêmica. Eu, por conveniência da modalidade do ERE, consegui concluir boa parte dos estudos. Mas, e se estivéssemos em "tempos normais"? E se não estivéssemos passando por uma pandemia e as aulas fossem presenciais? Como as mulheres conseguiriam associar os estudos com os cuidados de um filho? Isso nos faz pensar, minimamente, na necessidade de uma Política Pública de apoio e de permanência, que acolha não só os nossos filhos, mas também nós, como mães, estudantes e mulheres sobrecarregadas e que precisam concluir seus estudos.

Como forma de amparar e acolher essas mães estudantes da Graduação e Pós-Graduação, foram criados Coletivos de Mães que buscam dar condições dignas para início e continuidade dos estudos após a maternidade. Segundo Oliveira (2019, p. 31):

[...] a formação de coletivos de mães universitárias apresenta-se como um mecanismo legítimo para desvelar a realidade vivenciada silenciosamente por mães universitárias, no sentido dos inúmeros desafios que enfrentam cotidianamente para conciliarem estudos e maternidade, propondo soluções e demandando políticas públicas efetivas que considerem as especificidades vivenciadas por aquelas que buscam concluir um curso de graduação.

Atualmente, na Universidade Federal Fluminense (UFF), foi criado um Coletivo de Mães que visa encontrar soluções para mães ou gestantes que desejam retornar ou ingressar às atividades da graduação, através da formação de um Coletiva efetivo, auxiliando nos desafios encontrados na conciliação entre a

maternidade e os estudos. O Coletivo luta também pela criação de espaços para a permanência das crianças enquanto as mães se encontram em horário de aula, permitindo também que as crianças façam uso do Restaurante Universitário (OLIVEIRA, 2019).

Do mesmo modo, iniciativa similar ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), chamada “MãEstudantes”, criando uma Política para Permanência Materna na Instituição, que consistia em um espaço para receber as crianças filhos dos discentes (SILVA, 2023).

Mais projetos como esses deveriam ser criados, mais universidades deveriam se mobilizar e dar voz para as discentes mães, para que nós consigamos assim, dar continuidade à nossa vida acadêmica de forma mais leve e humanizada.

3.2. MATERNIDADE E A VIDA PROFISSIONAL

Desde o nascimento enfrentamos as batalhas que é ser mulher. Na vida adulta, as desigualdades se acentuam nos colocando sempre em posições inferiores à dos homens. A expressiva inferioridade salarial, o acesso limitado a cargos de chefia e a falta de boas condições de qualificação profissional são exemplos da desigualdade de gênero presentes no ambiente profissional. As limitações geralmente acontecem já na entrevista de emprego, onde as mulheres que tem filhos, muitas vezes, são excluídas dos processos seletivos. Essas barreiras limitam nosso desenvolvimento profissional.

Apesar do Brasil ter apresentado uma melhora no quadro de desigualdades atualmente, ainda ocupa a posição de um dos países mais desiguais do mundo. Guiginski e Wajnman (2019) apresentam a divisão e a conceituação do trabalho, podendo dividir-se em trabalho remunerado, também denominado trabalho produtivo e atividades não remuneradas, incluindo àquelas exercidas dentro do ambiente doméstico, chamado trabalho reprodutivo:

[...] há uma relação entre concentração feminina e baixos salários, uma vez que as profissões com maior participação feminina são as piores remuneradas, como, por exemplo, aquelas das áreas de Letras e Serviço Social. Por outro lado, as carreiras com baixa concentração de mulheres são as mais bem pagas (LAMEIRÃO, 2011, p. 6).

“Quando são comparadas mulheres com e sem filhos, aquelas que contam com a presença de filhos, geralmente, auferem salários inferiores aos das mulheres sem filhos” (GUIGINSKI; WAJNMAN, 2019, p. 2). A autora ainda apresenta a ideia de que o aumento da inserção das mulheres brasileiras no ambiente profissional não vem acompanhada de significativos progressos nas redefinições das relações de gênero em relação a atividades domésticas. Com isso, presume-se que o trabalho reprodutivo continua sendo exercido exclusivamente pelas mulheres.

Oliveira et al. (2011), evidencia em seu estudo, que questões sociais e pessoais podem influenciar na produtividade da mulher no ambiente profissional. Fatores esses que foram subdivididos em três categoria: a idade dos filhos, tempo de afastamento de mercado de trabalho, expectativas e satisfações da mãe quanto ao mercado de trabalho. Em relação a idade, pode-se concluir que a existência de filhos pequenos prejudica a permanência da mulher no mercado de trabalho e que quanto maior o número desses, menor a tendência de as mães estarem trabalhando. No entanto, considerou-se o fato de que, para mães com filhos nessa idade, há uma maior flexibilização assim como um maior apoio social. Quanto ao tempo que a mulher se afasta de suas atividades, observou-se que quanto maior o afastamento afora a licença maternidade, menor é a chance de retomar a vida profissional, sem contar que, há uma possibilidade de rebaixamento da estrutura hierárquica da organização, assim como uma redução das chances de promoção. Para o último, foi ressaltada a importância para a individualidade do trabalho remunerado após o nascimento do filho. Evidenciou-se também em mães de baixo nível socioeconômico, que a maternidade não é contemplada sem a presença de atividades profissionais.

No cenário contemporâneo, houve uma mudança nas atividades da mulher na sociedade, os papéis desempenhados por ela e as expectativas convencionais do que devem ser esses papéis, e em particular, os papéis nos espaços públicos. Não se trata apenas da mudança do papel feminino, mas sim, o entendimento do que é ser mulher e a construção dessa subjetividade. Essas mudanças referem-se a como nós mulheres nos vemos e como o mundo nos enxerga perante a sociedade (MALUF, 2009).

Já relacionando à minha profissão, o profissional de Educação Física necessita de habilitação em nível superior, e, no caso do curso de Bacharelado, o

egresso é responsável por promover a saúde integral dos indivíduos, abrangendo a área da educação, do lazer e também da saúde em diversos espaços. Hoje em dia, a profissão ainda é muito desvalorizada e possui uma alta carga horária de trabalho, fazendo com que os profissionais dediquem grande parte do seu dia a questões profissionais.

Com o aumento da demanda de pessoas que procuram realizar atividades físicas nos mais diversos espaços sociais, as academias estão cada vez mais lotadas. Bem como os Personal Trainer que estão com as agendas cheias e, até mesmo, as ruas das cidades estão repletas de pessoas se exercitando ao ar livre. De acordo com Junior, Gobbie e Teixeira (2013), nos últimos anos, o Personal Trainer surgiu como uma nova possibilidade de trabalho profissional, fazendo com que o aluno se tornasse cliente, havendo, de certo modo, uma comercialização da saúde.

Então, considerando que esta profissão é responsável por demandar muitas horas ao trabalho, como podemos considerar que alguém consiga conciliar a vida profissional com a maternidade, por exemplo, já que é possível dizer que uma criança, principalmente na primeira infância, demandaria praticamente o dia inteiro de uma mãe? Isso, de modo geral, remete muitas mães a terceirizarem a criação de seus filhos ou, até mesmo, a abandonarem a profissão.

Não é de hoje que vemos a luta diária das mulheres buscando conciliar a vida doméstica e os cuidados dos filhos com a vida profissional. Segundo um levantamento realizado no Rio Grande do Sul no ano de 2005, 55% das pessoas com Ensino Superior, são mulheres. E, apesar de sermos em maioria, ocupamos menos postos nos diversos locais de trabalho (43,21%). Já o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), revelou que a maioria dos discentes presentes no ambiente universitário são mulheres (OLIVEIRA, 2019). Rossi, Perrewé e Sauter (2005) usam como justificativa para essa desigualdade, a multiplicidade de tarefas remetidas à mulher, como a maternidade, a formação acadêmica e a atuação profissional. De acordo com Biroli (2006, p. 737):

A divisão sexual do trabalho está ancorada na naturalização de relações de autoridade e subordinação, que são apresentadas como fundadas na biologia e/ou justificadas racialmente. Em conjunto, restrições que se definem pelo gênero, pela raça e pela classe social conformam as escolhas, impõem desigualmente as responsabilidades e incitam a

determinadas ocupações enquanto bloqueiam ou dificultam o acesso a outras.

Antigamente, as gerações de mulheres viviam para gerar e cuidar da casa e dos filhos. Porém, cada vez mais vemos mulheres não desejando a maternidade ou, até mesmo, adiando ou abdicando o desejo de ser mãe, justamente pela dificuldade e falta de apoio familiar ou de políticas públicas governamentais em relação a mães que desejam continuar desenvolvendo atividades profissionais ou dando continuidade a atividades formativas. Bezerra (2016, p. 23) afirma em seu estudo que:

A mim, hoje, a partir das mulheres com as quais dialogo e que não desejam a maternidade, fica explícito que a escolha se dá muito mais com a finalidade delas de desviarem de um amontoado de impossibilidades que é imputado àquelas que são mães que pelo fato de ter ou não um filho seu, alguém com o qual terão responsabilidades concretas. Elas não temem a responsabilidade de educar um indivíduo e com ele compartilhar parte de suas vidas. Elas temem, em sua maioria, tudo que sutilmente não permitirão que elas façam a partir da chegada de um filho.

Vivendo e experienciando as dificuldades que é exercer a maternidade na sociedade atual, sozinha, entendo com maior facilidade àquelas mulheres que não optam por serem mães. Ver além da romantização atrelada ao maternar, nos fazer repensar se realmente devemos ter filhos. Afinal de contas não é uma tarefa fácil. D'Ávila (2019, p. 77) confirma essa ideia ao afirmar:

[...] conviver com mulheres iguais a mim, mulheres militantes (usamos esse termo para pessoas que dedicam seu tempo a uma causa ou a um partido), mulheres deputadas, fez eu colocar o tema da maternidade no seu lugar correto: não há romance. Não há espaço para romantização e idealização. Ser mãe da trabalho. Ser mãe exaure. Ser mãe é cansativo. Ser mãe é solitário. Ser mãe é perder trabalho. Ser mãe é não ter com quem deixar os meninos. E, mesmo assim, socialmente, ser mãe é uma obrigação para a mulher.

Maluf (2009) contrasta a antiga imagem da mulher, antes frágil, necessitada de atenção e presa aos cuidados com a prole, para hoje, vista como um ser em construção, buscando no seu desenvolvimento o poder da realização e suas potencialidades.

A mulher, desde sempre, enfrentou diversas dificuldades em ingressar, ou até mesmo, de se manter no meio profissional, que na maioria das vezes é machista.

Mesmo quando conseguem um cargo no mercado de trabalho, seguem sendo pressionadas a manterem conjuntamente suas atividades conjugais, maternais e cotidianas, sem que ninguém as compartilhe com elas (PINTO, 2022).

Segundo Oliveira (2019, p. 18):

[...] além dos desafios de conciliarem tarefas domésticas, as mulheres depararam-se com barreiras culturais, eis que a sociedade heteronormativa não aceita que elas deixem o lar e “abandonem” os cuidados dos filhos, para entrarem em concorrência com homens, nos campos que simbolicamente a estes pertencem: a esfera pública, sobretudo a partir de uma formação acadêmica e consequente inserção em um mercado de trabalho mais especializado.

Outro ponto importante a destacar é que, para uma mãe estar no mercado de trabalho, é necessário que seu filho esteja em Creches ou Pré-escolas, sendo esse um direito tanto da mãe, quanto da criança. Dessa forma, vemos que se faz necessário ferramentas e contextos para que nós mulheres continuemos lutando pela nossa construção e crescimento profissional. Com isso, podemos observar uma grande demanda de vagas na Educação Infantil. O principal motivo seria a necessidade de trabalho dos pais, que geralmente, não tem condições de permanecerem apenas em casa cuidando dos filhos. A luta por vaga em escolas públicas municipais e a busca por bolsas de ensino nas escolas privadas, são algumas alternativas para aqueles que não tem condições econômicas para matricular as crianças em escolas particulares. De acordo com Mata et al. (2022), as políticas públicas que garantem escolas infantis são componentes institucionais do cuidado, podendo ser classificadas como uma rede de apoio transitória, ferramenta de sobrevivência útil no dia a dia das pessoas responsáveis por crianças.

3.3. MATERNIDADE NA PANDEMIA

No ano de 2020 houve o surgimento da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, originando inúmeras mortes por todo o mundo. Todos, principalmente os grupos de risco, como idosos, portadores de doenças crônicas, gestantes e puérperas, foram instruídos a permanecerem em suas casas, se isolando de qualquer contato social. Essa decisão implicou diversas mudanças em nossas vidas, como afastamento do local de trabalho, isolamento social e grande dificuldade de

acessar o comércio. Isso levou, alguns grupos sociais a buscarem novas formas de entretenimento que não colocasse em risco sua saúde, de seus familiares e amigos. Infelizmente, diversas vidas foram ceifadas com a propagação do vírus, colocando várias famílias em situação de luto e ainda mais temerosas por sua saúde e segurança.

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou situação de emergência em saúde pública de interesse nacional. No dia 11 de março do mesmo ano, a OMS declarou a COVID-19 como pandemia, estabelecendo medidas de prevenção e enfrentamento para o novo cenário. Além de medidas de higiene (lavar as mãos, utilização de álcool gel, evitar tocar nas áreas como nariz, olhos e boca), foi implementado o distanciamento social, uso de máscara, evitar aglomerações e medidas ambientais. A doença teve alta disseminação pelo mundo inteiro (SANTOS et al., 2021).

Muitas como eu, tiveram a experiência de viver uma gestação logo nessa fase, onde grande parte das pessoas se encontravam isoladas e afastadas de suas diversas atividades. Diante desse contexto, o contato visual, os abraços e os momentos sociais foram sendo prejudicados, as relações foram restabelecidas de outros modos, e os contatos se deram quase que totalmente de forma virtual. Essas medidas restritivas geraram um impacto direto na economia, nas relações sociais e familiares, e na saúde mental de muitas pessoas.

Diante do período pandêmico, podemos considerar que o fato da mulher se afastar do espaço laboral, gerou uma maior sobrecarga referente ao trabalho reprodutivo não remunerado, já que essa, devido ao isolamento social, aumentou seu período em casa exercendo tarefas doméstica, com a permanência contínua das crianças em seus lares, devido ao fechamento das escolas (SANTOS et al, 2021). Com isso, podemos ressaltar a importância de redes de apoio eficientes, que visem suprir alguns dos sofrimentos emocionais gerados pela maternidade e aumentados devido a pandemia.

A maternidade vivida por mães inseridas no mercado de trabalho e no universo acadêmico, já possui suas próprias dificuldades como vimos nos tópicos acima. A pandemia forçou inúmeras famílias a adaptarem suas vidas. O trabalho em casa (home office) associado à permanência constantes das crianças em casa, fez com que muitas mulheres dobrassem sua jornada de trabalho, mesclando o trabalho

produtivo com o reprodutivo. Isso gerou mais uma sobrecarga na vida das mães de pandemia, acarretando prejuízos à saúde mental delas.

O exercício da maternidade no período pandêmico, reforçou as desigualdades quanto à sobrecarga vivida pela mulher no ambiente domiciliar. Assim, nós como mulheres-mães-feministas devemos sempre procurar desconstruir aspectos culturais, sociais e institucionais que nos levem a uma manutenção de práticas que reforçam o patriarcalismo. Segundo Insfran e Muniz (2020), a divisão sexual do trabalho é o principal marcador para as desigualdades de gênero submetidas à mulher, sendo o trabalho reprodutivo desvalorizado, subestimado e limitador para o trabalho produtivo.

4. METODOLOGIA

O presente estudo trata de uma pesquisa narrativa autobiográfica de natureza qualitativa.

Atualmente, os estudos que se inserem no universo das narrativas autobiográficas ainda são objeto de receio e estranhamento para alguns pesquisadores, gerando diversas discussões no campo da metodologia da pesquisa científica. Ao mesmo tempo, os pesquisadores que trabalham com essa perspectiva, indicam sua viabilidade e destacam que trata de uma ótima fonte e ferramenta para estudo, especialmente, sobre o ser humano e suas complexidades.

Marques e Satriano (2017, p. 4) afirmam que:

A partir de narrativas, tem-se a possibilidade de (re)elaborar questões internas e fortalecer a autoria e a autonomia. A narração não é a descrição fiel do fato, mas como ele foi construído mentalmente pelo narrador. No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado. No sentido tradicional, as narrativas são formas orais ou escritas de contar uma história.

O método narrativo possibilita que o autor exponha seu ponto de vista, a partir de suas histórias, experiências e lembranças. De acordo com Sousa e Cabral (2015), narrativas nada mais são do que histórias contadas e nós, seres humanos, que somos, por natureza, contadores de histórias e que, além disso, essas histórias são passadas de geração em geração. Isso nos dá a chance de refazermos nossas lembranças com base na rememoração, permitindo que situações pessoais do passado possam ser recuperadas e situadas no tempo, e, após compartilhadas coletivamente, podem ser ressignificadas pelo sujeito e traduzidas em experiências e aprendizagens.

A pesquisa autobiográfica para a formação de professores, tem como foco principal entender como o docente vivencia o processo de formação (MARTINELLI, 2016). Dessa forma, ninguém além de mim mesma, que vivencia a situação de matinar dia após dia, poderia relatar minha própria experiência e refletir sobre as formas que a maternidade influenciou e influencia em minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Por conta disso, nesse trabalho há um posicionamento meu, como sujeita falante e expressiva que sou. Entretanto, para além de minha experiência, as narrativas autobiográficas, quando em confronto com a revisão de

literatura e compartilhadas em um ambiente coletivo, são histórias que não tratam especificamente apenas da vida de uma mulher, pois o que elas passam enquanto mães e estudantes, não é somente pessoal, e sim, coletivo, pois as histórias vão se repetindo, os desafios são similares e daí podemos ir compreendendo que tem uma estrutura, de certo modo opressora que unifica essas mulheres em experiências similares. Assim, "a culpa" não é da mãe, ou de uma ou outra estudante, e sim, de um sistema que não oportuniza elas viverem suas maternidades e formações acadêmicas de modo digno.

Josso (2007, p. 414) em seu trabalho, afirma que:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

Dessa forma, esse trabalho busca problematizar a maternidade associada à vida profissional e acadêmica, buscando na literatura, argumentos que possamos compreender a temática.

No capítulo seguinte, apresento os procedimentos para obtenção da informação utilizados nessa pesquisa.

4.1. PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO

Além de artigos acadêmicos, dissertações de mestrado, livros e trabalhos de conclusão de curso, busquei materiais no Instagram, em perfis que têm sua principal temática a maternidade.

Utilizei também, diálogos com outras mães, amigas, conhecidas e pessoas que vivenciaram situações similares às minhas, ou seja, que já tinham passado ou estavam vivenciando a condição da maternidade. Também foi utilizado relatos escritos ao longo do meu puerpério que se tornaram ferramenta útil para realização desse trabalho e, especialmente, para a reflexão sobre a experiência vivida. O principal procedimento para obtenção de informação foi minha própria experiência, a

minha forma de viver a maternidade, minhas dificuldades e realizações ao viver o tema dessa pesquisa.

4.1.1. REDES SOCIAIS

Devido ao momento histórico da pandemia, eclodiu no Brasil, inúmeros Coletivos de Mães e Grupos nas Redes Sociais que se voltaram para o universo da maternidade e para a luta por visibilidade e condições de ensino dignos para estudantes mães, especialmente nas universidades brasileiras. Para a realização dessa pesquisa, utilizei dessas ferramentas para adquirir informações referente à temática apontada.

Uma ferramenta muito importante para a realização deste trabalho, foi a Rede Social Instagram. Perfis como @maesnaufrgs, @parentiscience, @maestudantes.ufsc, @projetomaesnauniversidadeufrj, são extremamente úteis na luta para buscar e debater políticas de permanência e de apoio para mães universitárias. Também é importante ressaltar perfis como o @gmater.unb, @cientistaqueviroumae, @casacolheinfancias.ufrgs, @maesf3pefice, @nucleoniem e @nucleomaterna, que se dedicam basicamente a dar voz as mulheres mães por meio de divulgações de trabalhos, pesquisas, eventos e publicações de conteúdos referente à maternidade, parentalidade e sociedade.

4.1.2. NOTAS SOBRE MATERNIDADE

Ao longo do puerpério, durante as intermináveis noites em claro, acabei por escrever algumas notas referente aos fatos acontecidos. As longas noites me possibilitaram escrever alguns relatos referente à maternidade que eu vivia na época, que, por sinal, foi um período nada fácil.

Inclusive, a epígrafe acrescentada a esse trabalho, foi escrita ao longo das noites, onde me era possível refletir e problematizar sobre o amor, a sobrecarga e os encargos envolvidos na maternidade.

Para realizar essa pesquisa, retornei a essas notas e pude relê-las e, atualmente, refletir sobre elas, de modo que se transformassem em aprendizagens, conhecimento e ajudassem na construção desse trabalho.

4.1.3. DIÁLOGOS COM OUTRAS MÃES

Mães geralmente tendem a desabafar suas inquietações umas com as outras. Após ser mãe, adquiri o costume de conversar e procurar entender as dificuldades vivenciadas por outras mães, além de que, comecei a perceber esse universo, até então invisibilizado por mim. Com isso, pude identificar que não só eu, mas muitas outras mulheres, enfrentam enormes dificuldades quanto ao retorno das atividades profissionais, dar início ou continuidade aos estudos e a pouca ou nenhuma rede de apoio, assim que nos tornamos mães.

Esses relatos me ajudaram a ter a iniciativa de realizar um estudo visibilizando e problematizando essas questões, enfatizando a necessidade de Políticas de Permanência por parte da Universidade e redução ou, até mesmo a exclusão, das desigualdades de gênero, principalmente aquelas acentuadas com a maternidade.

5. ANÁLISES E RESULTADOS

5.1. FIQUEI GRÁVIDA, E AGORA?

A vida da mulher é cruel. Enfrentar desde sempre o preconceito, o machismo e o assédio fazem com que nos consideremos "sobreviventes" da sociedade. "Viver" de modo livre e com tranquilidade, ainda é um passo a ser alcançado. A mulher como mãe vive uma luta dobrada, além de suas próprias batalhas, ela deve enfrentar o grande desafio de criar, sustentar e educar um ser humano. Tarefa essa, vista como algo "natural", inato e "função social" da mulher e somente dela. Afinal de contas, quantas vezes ouvimos que "o filho é da mãe", ou, "quem pariu os seus que embale"?

Segundo Bezerra (2016, p. 2):

[...] penso ser possível fazer a leitura da experiência materna sob duas óticas: a otimista, quando eu digo que é possível enxergar a maternidade como espaço de luta política, de reação, resistência e desconstrução das questões impostas à mulher em nossa sociedade de base patriarcal e machista. A outra seria a pessimista, talvez a mais concreta hoje, quando enxergo a maternidade de forma irreversivelmente cerceadora das possibilidades de ser e pertencer de muitas mulheres, se configurando assim, num espaço mais que eficiente para oprimi-las e onde protagonizam situações diante das quais são treinadas socialmente a se calar, soterrando-se pelo velho discurso "o filho é da mãe" entre outros, proferidos e corroborados na ausência de reflexão e empatia mínima de uma sociedade que preza pela manutenção da dominação do homem sobre a mulher.

A maternidade desde o seu descobrimento na vida da mulher, impacta fortemente sua própria vida e, também, a vida das pessoas ao seu redor. Mesmo quando planejada, assimilar uma nova vida, novas responsabilidades, novos compromissos, faz com que nós mães, tenhamos uma nova realidade de vida. Não se trata mais somente de nós, a vida não é mais tão previsível como antes, temos que pensar nos nossos filhos, nos nossos estudos, no nosso trabalho. E não trata do "clichê romântico" de que "quando nasce uma criança, nasce uma mãe", mas sim, dos desafios, impactos e sofrimentos que essa mulher é convocada em sua nova vida.

Além de pensarmos em nós, mulheres como mães, devemos ampliar os horizontes nos permitindo outras definições de papéis sociais, afinal de contas, não exercemos apenas essa função. Para Bins et al. (2021, p. 4):

Uma vez que não existe consenso sobre as formas de se criar e educar os filhos e as filhas, compreendemos que algumas das formas defendidas e que são experienciadas na sociedade estão pautadas em um entendimento dos pais e das mães como condutores e condutoras dos filhos e das filhas pelos caminhos da vida, apresentação da sociedade e da cultura em que se inserem. Uma maternagem em que os filhos e as filhas não são compreendidos e compreendidas como propriedade dos pais e das mães, e que estes últimos ocupam um papel de mediação para auxiliar os filhos e as filhas a compreenderem e se situarem no mundo e poderem tomar suas decisões.

Para Bins et al. (2021), a maternidade pode ser entendida como a relação consanguínea entre mãe e filho e a maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por uma mãe. Esse cuidado dependerá não só do conceito que envolve ser mãe socialmente, como também ao significado de um filho(a) em determinado contexto cultural.

Dessa forma, devemos considerar o maternar como um elemento cultural e político. Fazemos parte da sociedade, devemos nos sentir incluídas a ela, devemos receber apoio estrutural e financeiro de políticas governamentais. Devemos usar esse espaço, da maternagem, para a prática política do feminino. “A maternidade ainda é concebida pela sociedade como ferramenta válida para o acirramento da opressão e da violência contra mulheres” (BEZERRA, 2016, p. 85). Com todas essas informações, podemos considerar que a maternidade é um rico espaço político para a mulher. No estudo da autora, ela relata o grande posicionamento dessas mães de forma ética e política diante o mundo. Há uma resistência a construções machistas e à rígida separação dos papéis de gêneros com base no patriarcado.

5.2. OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA ACADÊMICA

De acordo com inúmeros estudos da literatura, podemos observar que muitas mães ocupam as universidades. Com isso, entendemos que muitas mulheres enfrentam os desafios de dar continuidade aos estudos com um bebê nos braços. Muitas, como eu, dividiram suas vidas, pois geralmente o mundo real não tem

espaço para a maternidade. Mães devem sempre priorizar o trabalho doméstico, as tarefas para com os seus filhos, os estudos sempre ficam pra depois ou, até mesmo, para nunca mais.

A sociedade na qual vivemos impõe à mulher a responsabilidade principal do cuidado com os/as filhos/as, o que implica em acumular diferentes papéis e tarefas (mulher, mãe, profissional, pesquisadora, estudante, para citar alguns) ou em abrir mão de vários deles” (KUHN et al, 2021, p. 2).

É reconfortante ver que as mulheres seguem na luta e não se vitimizam, que não se deixam abalar pelos desafios das multitarefas exercidas, pelo preconceito, pela exclusão e pela falta de empatia da sociedade. Entretanto, essa não é a realidade da maioria das mães estudantes.

Quando descobri que estava grávida, muitas questões me vieram na cabeça. Uma das principais era, de que forma eu poderia concluir o curso de Bacharelado em Educação Física? Ou, se eu daria continuidade aos estudos? Ou, abandonaria a oportunidade de me formar em mais um curso em uma universidade federal? Com muito apoio e incentivo de minha mãe, optei por enfrentar os desafios e concluir o curso, aproveitando a fase do ERE e concluindo os créditos acadêmicos em casa, aliando as tarefas maternas com as aulas virtuais.

As novas Políticas de Inclusão nas Universidades, fizeram com que houvesse um maior índice de mães transitando com seus filhos por entre os ambientes acadêmicos.

Conforme visto anteriormente, Programas de Apoio e Permanência destinados as mães estudantes, como da UFF e UFSC são imprescindíveis para a formação acadêmica de mães que necessitam de apoio com seus filhos. Na UFSC, atos de violência contra as mães e a permanência delas no espaço acadêmico, foram fatores determinantes para a criação do Projeto MãEstudantes, responsável por diversas conquistas, como por exemplo, a liberação de filhos de mães discentes com até 12 anos no Restaurante Universitário (RU).

Já na Universidade Federal Fluminense, o Coletivo de Mães é representado por mulheres entre 21 e 44 anos com filhos entre 0 e 9 anos de idade. Nesse cenário, há uma grande diversidade socioeconômica, cultural e racial. O Coletivo visa enxergar a mulher mãe dentro da Universidade e buscar seus direitos. Busca

também, um estreitamento com outros Coletivos de Mães de universidades federais.

Dessa forma, podemos entender que se faz necessário programas eficientes de permanência por parte das universidades, que visibilizem, apoiem e deem voz a nós mulheres, exercentes da maternidade, na luta pela formação no mundo acadêmico com qualidade, diante de uma realidade sem a mínima empatia, exclusivista e opressora para com as mães. As universidades devem continuar fazendo seu papel de formadoras da cidadania, garantidoras da inclusão e promotoras do desenvolvimento social. Também é importante a criação de coletivos de mãe universitárias (GRUPO DE TRABALHO “MULHERES NA CIÊNCIA”, 2019).

De acordo com as Propostas de Políticas de Apoio à Maternidade na Universidade, o Grupo de Trabalho “Mulheres na Ciência” (2019), acrescenta, ainda:

Estes coletivos têm se mostrado como formas legítimas e efetivas para dar visibilidade às mães universitárias e seus desafios, criação de redes de apoio entre elas para cuidado dos filhos, abertura de espaço para discussões quanto aos desafios encontrados na tentativa de conciliação de cuidados dos filhos e conclusão de cursos acadêmicos, bem como a construção de diálogos junto às instituições a que se vinculam - para a implementação de políticas públicas que apoiem suas permanências na universidade.

Em 2022, foi criado, a partir do Coletivo de Mães F3P-EFICE, no Campus Olímpico da ESEFID na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um espaço chamado Casa Acolhe Infâncias. Esse Coletivo e essa Casa tem o objetivo de acolher mães e pais estudantes de Graduação e Pós Graduação juntamente a seus filhos. A Casa conta com um amplo espaço e uma equipe de docentes e bolsistas prontos para acolher todas as pessoas. A Universidade também conta com o “Coletivo Mães na UFRGS”, desde que a pandemia vem se articulando que luta por condições dignas de acesso, permanência e conclusão de seus cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Tristão (2022) realizou um estudo com quatro participantes mães, estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, visando obter informações referente a questões pessoais, principalmente relacionadas à maternidade, situação financeira e profissional e relação do ensino remoto emergencial (ERE) com o desempenho acadêmico. Esse trabalho foi um dos primeiros a relacionar essas questões de forma agrupada,

gerando uma reflexão de que há a necessidade de continuarmos a estudar questões relacionadas à maternidade e a vida acadêmica dentro da UFRGS.

5.3. OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PROFISSIONAL

É fato que o mundo se encontra em constante processo de globalização, havendo uma evolução da sociedade e do mercado de trabalho que vem apresentando evoluções positivas com a crescente participação feminina e redução, porém não eliminação, das desigualdades decorrentes do modelo tradicional de divisão sexual do trabalho. Mercado esse que, muitas, vezes, parece estar inerente à figura da mãe, que no geral, apresenta um acúmulo de funções, estando responsável pela casa, filhos, trabalho e muitas outras atividades. As dificuldades que atropelam o nosso dia a dia como mulher são constantes. A desigualdade de gênero e suas consequências, a pressão sociológica por um padrão considerado aceito, a função de “polvo” destinada à maternidade, dificultam com que consigamos manter nossa produtividade no trabalho. Filhos nos requerem tempo, atenção, dedicação e muitas vezes não temos com quem dividir essas tarefas:

[...] o fato de as responsabilidades familiares ficarem a cargo das mulheres faz com que elas não consigam dedicar todo o seu tempo ao trabalho remunerado. Em vista disso, ocorre de muitas delas interromperem suas carreiras profissionais ou trabalharem em tempo parcial a fim de exercerem o trabalho doméstico, retornando ao emprego de tempo integral posteriormente. Por conseguinte, o progresso na carreira profissional é prejudicado, pois a ascensão é mais lenta, conduzindo a menores salários comparados aos dos trabalhadores do sexo masculino (LAMEIRÃO, 2011, p. 8).

As mulheres foram conquistando um espaço cada vez mais amplo no mercado de trabalho e nas mais variadas profissões, passaram a ter mais espaço na vida acadêmica, ocupando as cadeiras dos mais diversos cursos, conquistaram a liberdade de decidirem sobre o seu destino, sobretudo, o direito de deliberarem sobre o seu próprio corpo. Mesmo considerando esse desenvolvimento, não podemos concluir que esse fato reduz a situação hierárquica feminina desvantajosa no trabalho, concordando com as constantes denúncias do movimento feminista das últimas décadas.

De acordo com o que eu vivi e com relatos de mulheres na mesma situação que pude ter contato na revisão de literatura deste Trabalho, é possível dizer que, grande parte das empresas ou de diversos locais de trabalho, não se preocupam em acolher as mães, tão logo elas tenham conhecimento que estão grávidas. Os espaços laborais não se preocupam com a sobrecarga de trabalho, e, muito menos, visam criar estratégias para facilitar ou ajustar o seu dia a dia de uma pessoa grávida com o trabalho (idas a médicos, exames, transformações diversas, dentre outros exemplos). O mercado de trabalho é exclusivista, fazendo com que nós mulheres tenhamos que adaptar nossas vidas aos padrões empregatícios por pessoas que geralmente não são mães, e não entendem a realidade que vivemos:

Em um mundo onde a mulher conquistou seu espaço, ela ainda é cobrada, desvalorizada e estigmatizada se não se encaixa a determinados padrões exigidos dela desde a infância, pois é como se já começasse a vida com saldo devedor ao nascer mulher. Sempre necessita provar algo, que é inteligente, que é competente, que pode sim jogar futebol igual aos meninos, que possui os mesmos direitos que os garotos da sala e que é capaz de fazer suas escolhas exatamente como o colega do sexo oposto. (FERNANDES, 2022, p. 10).

A vida profissional, infelizmente, permanece eternamente em competição com a maternidade. Provavelmente, uma acarretará prejuízos a outra. Ao longo da gestação, principalmente referente a atividades profissionais, ouvimos muito que “Gravidez não é doença”. Realmente, não é doença, mas uma gestante sente inúmeras dores e desconfortos. Além disso, ela ainda passa por um período de inúmeras restrições, físicas e também psicológicas, sendo indicada a descansar e evitar qualquer estresse emocional, mesmo enfrentando uma bomba hormonal em seu organismo. Realmente, gravidez não é doença, mas precisa de cuidados, de atenção e de apoio.

Desde sempre tivemos que conquistar nosso lugar no mundo, e em suas diversas esferas sociais. Lutamos pela igualdade salarial, igualdade de direitos, pela visibilidade da luta feminina. Ser mulher é um permanente ato político. Ser mãe é duplicar ou, até mesmo, triplicar essa luta. É buscar pelo nosso direito, como mulheres, como mães, como pessoas necessitadas de políticas que apoiem e deem voz a nossa causa.

Devemos conquistar e, por que não, dominar o mercado de trabalho. Devemos lutar pela exclusão de vagas de emprego que excluam mulheres com

filhos, já que essas são vistas como um prejuízo para a empresa. Devemos lutar pelo direito de levar nossos filhos conosco para o trabalho, quando não tivermos outra opção, de não correr o risco de demissão por um atraso ou falta quando precisamos levar o filho no médico ou de quando ele fica doente, devemos lutar para não sermos demitidas quando retornarmos da licença gestante, devemos lutar pelo respeito, pela valorização, pelos nossos direitos de igualdade, afinal de contas, somos mulheres. A lista é quase infinita, e, por isso, os espaços coletivos são importantes para unirmos forças.

Dessa forma, devemos sempre dar visibilidade e problematizar às questões que geram sobrecarga na vida da mulher mãe. A pandemia, atuou como mais um fator limitante para as famílias chefiadas por mulheres, havendo uma diminuição e até mesmo, uma exclusão da renda obtida pela mulher. Dessa forma, como podemos ser mães com tantas dificuldades nos afrontando todos os dias? Como podemos ser mães atenciosas com os nossos filhos se estamos tão ocupadas lutando por permanecer nas vagas de emprego e nos cursos das Universidades? Como podemos ser mães com tantas desigualdades presentes no país? Como podemos ser mães e criar nossos filhos, se nem mesmo os pais das crianças se apresentam suficientes para com a criação deles?

5.4. OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PESSOAL

A partir da prática da maternidade vivida de modo real, é possível obtermos uma problematização da vida, minha e de muitas outras mulheres, na construção do que é ser mulher e mãe pertencentes a sociedade contemporânea.

Como pudemos observar ao longo do trabalho, a maternidade consome muito tempo, principalmente da mulher, que geralmente é a principal encarregada dos afazeres da criança, da casa e de sua própria vida.

Segundo o estudo de Bins et al. (2021, p. 2):

[...] as formas de exercer a maternidade são culturais. Sendo assim, dispositivos histórico-culturais em nossa sociedade ocidental e euro-estadunidense indicam ao longo do tempo como deve ser uma mãe, enfatizando um acúmulo de tarefas, papéis e fazeres sobre as mulheres.

Assim como eu, muitas mulheres encontram dificuldade em retomar a vida anterior à gestação. Muitas inclusive, abandonam diversos hábitos por falta de tempo, condições financeiras, entre outros.

Ouvimos muito ao longo da vida que só uma mãe entende a outra, e essa é uma realidade infeliz e cruel. Ao mesmo tempo, apenas estar na condição de mãe, não é garantia de empatia de uma mulher com outra. Eu mesma, antes de vivenciar a atual situação, não dedicava tempo suficiente para entender as dificuldades diárias que um filho envolve na vida de uma mulher, e, principalmente na vida de uma mãe.

A realidade de muitas mulheres se baseia em dividir o dia em trabalho, estudos (quando estudam), filhos e a si própria. Essas, muitas vezes, apesar de terem conquistado muitos espaços, sentem-se pressionadas a apresentar atitudes predeterminadas pelos padrões que há anos são repetidos e, muitas vezes, inquestionáveis.

A invisibilidade, a falta de programas que incluam mães como pertencentes da sociedade, faz necessário mais atenção a esse público. A falta de empatia é grande, por parte dos genitores inclusive, empregadores, gestores, universidades e a sociedade no geral. Nos resta, principalmente, buscar apoio aos nossos familiares, amigos e pessoas que prezam pelo nosso bem estar físico e psicológico.

Com todos esses problemas citados, podemos, de certa forma, entender a luta diária que é a vida de uma mãe. Para Bezerra (2016), desde que nos tornamos mães, a maternidade atinge diretamente de maneira definidora, nossos outros lugares no mundo. Sendo assim, como podemos imaginar que além de tudo, ela poderia se dar ao luxo de ter um momento para si, um momento de lazer ou de auto cuidado? É impossível, inviável e inapropriado, de acordo com a sociedade machista que coloca a mulher como alguém que nasceu somente para procriação e nada além disso.

Apesar de separar esse trabalho por tópicos, devemos considerar que na prática vivida, ninguém separa a vida dessa forma. Somos mulheres como um todo, devemos agrupar todas essas questões e lidar com tudo de forma conjunta. Temos a incumbência de sermos mães, estudantes, trabalhadoras domésticas e profissionais sem deixar nenhuma parte a desejar. Devemos excelência a cada tarefa exercida, estamos sobrecarregadas e precisamos de visibilidade. Precisamos que o mundo nos olhe com os olhos de mãe, que nos entenda e nos acolha.

Precisamos de apoio para continuarmos sendo capazes de praticar várias atividades quase que ao mesmo tempo.

Hoje, escrevo esse trabalho em meio a inúmeros brinquedos, a sala extremamente bagunçada, tendo que optar por estudar e deixar os afazeres com a casa de lado. Entre um parágrafo e outro, tenho de explicar para o Vicente as cores de seus carrinhos, objeto alvo de seu hiperfoco atual, que ele vem me perguntar cheio de alegria.

Essa é a maternidade real, vivida por mulheres reais e que enfrentam as dificuldades de conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica e profissional. Eu, como ferramenta principal para obtenção de informações dessa pesquisa, tenho o dia a dia agitado, tendo que ser responsável por muitas atividades, não só profissionais, como também com as demandas do meu filho. Muitas vezes, nesse processo, acaba não sobrando tempo para mim, já que todo o resto me consome praticamente o dia inteiro.

5.4.1. MATERNIDADE SOLO

Antes de tudo, penso que devo contextualizar essa temática nesse momento do trabalho. Solo nos remete a uma experiência de solidão, que não está associada ao estado civil de uma mulher. Trata de uma solidão que nos impõe toda responsabilidade pela demanda e pela criação de um ser humano. A rotina de uma mãe solo é extremamente exaustiva e de uma sobrecarga impensada, pois envolve não somente os cuidados com os filhos, mas também, de corresponder às expectativas que a sociedade impõe sobre a maternidade.

Segundo um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018, 11 milhões de famílias com crianças até 14 anos são chefiadas por mulheres, e que 5,5 milhões das crianças não tem o nome do pai no registro de nascimento. Pode-se observar também, que a maioria dessas mães são pertencentes às classes C, D e E e não possuem ensino superior. E, se considerarmos o fato dessas mulheres serem negras, a situação fica ainda mais trágica.

De acordo com a Academia Brasileira de Letras, a mãe solo é conceituada como aquela que assume exclusivamente as responsabilidades pela criação do filho,

tanto financeiras quanto afetivas, em uma família monoparental. O termo faz referência a forma de parentalidade e não ao estado civil da mulher:

O estado civil atrelado ao termo revela que a mulher casada goza de determinado status social não atribuído à mulher solteira, tampouco à mãe que não está inserida em um relacionamento conjugal, como se o casamento por si só fizesse-a atingir um melhor nível social (GALVÃO, 2020, p. 3).

Ainda, seguindo as ideias da autora supracitada, mulheres mães que não possuem uma relação conjugal compõem grande parte da sociedade moderna. Assim que, o termo, ainda tão usado em nossa sociedade, de "mãe solteira" nos remete a um conceito machista e patriarcal onde a mulher tinha seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e subordinados à vontade do marido:

Por se tratar de um desvio do padrão hegemônico de família nuclear e conjugal, a configuração familiar mãe solo, além de nomear a própria experiência vem problematizar o campo acadêmico. Porque, de um lado, recusa o estereótipo de "mãe solteira", que vincula maternidade à conjugalidade; por outro, tensiona e rompe com a concepção universalizante de família nuclear. Ao mesmo tempo expõe como o debate em torno da maternidade solo é essencial para se pensarem as dinâmicas sociais das relações familiares, as políticas públicas e, sobretudo, as redes de apoio (MATA et al., 2022, p. 124).

Além dos desafios que a maternidade proporciona, nós mulheres, ainda sofremos com o preconceito relacionado a monoparentalidade na criação de nossos filhos. O julgamento da sociedade é inevitável, já que o considerado "normal" é nos casarmos e termos nossos filhos. Seremos eternamente culpabilizadas como irresponsáveis e inconsequentes, como se o fato de conceber um filho fosse tarefa apenas da mãe.

Na sociedade atual, a maternidade ainda é vista como uma experiência exclusiva da mulher, esquecem-se, constantemente, de incluir os homens nesse discurso idealizador. Ter, de forma exclusiva, a total responsabilidade de ser a única fonte de renda que nossos filhos contam para comer, ter saúde, vestimenta, nos gera uma pressão pela produtividade imposta pelo mundo capitalista.

Apesar do "amor incondicional", definido, ainda de modo romântico, por muitas mulheres, os desafios da maternidade tendem a ser bem mais cruéis quando não há a participação do pai ao longo dessa jornada. Dessa forma, como poderemos

criar nossos filhos sozinhas enfrentando o grande problema de desigualdade de gênero exercido pela sociedade?

Já sabemos o quanto a maternidade nos desafia a passarmos por modificações e adaptações para adequarmos-nos a uma nova rotina, tanto profissional quanto pessoal. Esses desafios e dificuldade se multiplicam inúmeras vezes quando tratamos de mulheres que são única referência na vida de seus filhos. A ausência da figura paterna é uma afronta para espaço social na qual o modelo idealizado de família é aquele composto pela família tradicional: pai, mãe e filhos. O machismo ainda perpetua essa visão, o que torna a batalha das mães solo ainda mais desafiadora (FERNANDES, 2022). Isso que nem entramos na realidade vivida das mães atípicas, que tem as cobranças e julgamentos sociais aumentados.

No caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), este possui diversas causas, comprometendo o processo de desenvolvimento infantil, incluído entre os transtornos globais do desenvolvimento. É caracterizado principalmente pela dificuldade de comunicação com o meio social, pouca interação social e padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados (SMEHA; CEZAR, 2011).

A maternidade atípica implica mais uma lista de funções na vida principalmente das mulheres. É necessário, mais cuidado, atenção, tempo, paciência e luta por acessibilidade. Lidamos, ao longo do crescer, com marcos do desenvolvimento fora do esperado e do previsto. Mas principalmente, lidamos com mais um preconceito, o capacitismo, de forma ainda mais cruel, por se tratar de crianças que merecem todo nosso apoio e afeto. Além de nos imporem tantas obrigações, temos ainda a obrigação de gerar um filho “perfeito” e neurotípico. A chegada do diagnóstico, geralmente, aumenta o índice de famílias monoparentais, trazendo mais uma mulher para o grupo das mães solas que lutam todos os dias, de forma solitária, por si e por seus filhos.

Ser mãe atípica, para mim, significa lidar com a diferença e com o desconhecido. Sinto que aprendo todos os dias uma nova forma de ver o mundo, ensinada por uma criança que vê tudo de forma diferente. Muitas vezes me sinto sobrecarregada, sinto como se não fosse dar conta de tudo, porém, acredito que se cheguei até aqui, tenho capacidade para continuar, mesmo que exausta.

Inúmeras mulheres compartilham a mesma experiência: criar, educar e participar da vida de um filho sozinha. Muitas enfrentam também, a necessidade de

suprir a paternidade ausente. É comum não terem as mesmas condutas julgadoras e preconceituosas em relação a participação do pai na criação dos filhos. Muitas vezes, são supervalorizados e superestimados quando cumprem seus deveres, fato este visto como apenas uma obrigação "natural" daquele que também é responsável por conceber uma criança.

CONCLUSÃO

Com esse trabalho, podemos concluir o que talvez já soubéssemos, mas que precisa ser dito e repetido. A mulher não é o sexo frágil. Exercemos tantas funções, temos a capacidade de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, somos as principais responsáveis pela continuação da espécie e, mesmo assim, ainda sofremos com o desrespeito e a desvalorização.

Apesar de movimentos feministas terem nos colocado em posições menos desiguais, ainda estamos longe do ideal. Devemos lutar pelo direito de frequentarmos o ambiente de trabalho, de buscarmos por formação acadêmica de qualidade, por sermos livres como mulheres, como cidadãs, como mães que somos.

Dessa forma, esse trabalho buscou dar visibilidade para o público materno quanto às suas dificuldades, de pertencimento à sociedade em todas as suas esferas, tanto profissional, quanto acadêmica e a fatores ligados à vida pessoal. Estudos e ferramentas de intervenção devem ser realizados com o objetivo de dar à essas mães, maior facilidade de manterem suas atividades, considerando o acúmulo de funções empregado a elas.

Para finalizar, compartilho que se tem uma coisa que a maternidade me ensinou, é que a vida não é e nunca mais será a mesma. Terei ao longo dos anos, que encontrar formas de me adaptar, de incluir meu filho, de manter minha profissão sem que um prejudique o outro, pois apesar da relação mãe e filho, somos seres autônomos e diversos na vida. Assim como dia após dia vou aprendendo a ser mãe, aprenderei também a lidar com as dificuldades que a cada nova fase do desenvolvimento infantil se apresentam.

Nos meus primeiros anos vivenciando a maternidade, cursei o Curso de Bacharelado em Educação Física durante o período ERE, que de certa forma me ajudou pelo fato de não necessitar me deslocar para frequentar as disciplinas, porém, também me sobrecarregou, pelo fato de ter que conciliar as tarefas acadêmicas com as demandas do meu bebê. Vivi dias difíceis, intercalei o computador e os livros com a amamentação e as noites mal dormidas. Com essa experiência, pude refletir quanto às dificuldades impostas às mulheres, que tem a “obrigação” de unir diversas tarefas em seu dia.

Por conta disso, devemos unir forças, buscar por nossos direitos de frequentar a Universidade de forma digna, sem que tenhamos que abdicar de nossos filhos e sem que passemos por situações constrangedoras, de desrespeito, de preconceito e de falta de empatia.

Desde que me tornei mãe, venho passando por um universo de descobrimentos e novas experiências sem fim. Trata-se principalmente de novos medos, euforias, obrigações e dificuldades, que por sinal, são muitas. A maternidade é inenarrável, é única, é uma luta pela sobrevivência, dia após dia. Não devemos jamais romantizá-la, mas considerando tudo que vimos com esse trabalho, podemos considerar que, de certa forma, “ser mãe é padecer no paraíso”.

Parabenizo às mulheres que optaram pela maternidade e também as que optaram por não serem mães, todas elas, igualmente corajosas no enfrentamento do que nossa sociedade apresenta a nós, mulheres.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/mae-solo>>. Acesso em: 19 mar. 2023.

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 3, p. 106-120, dez. 2010.

BEZERRA, Priscilla Barbosa. **O Filho é da Mãe?** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. 2016.

BINS, Gabriela Nobre et al. Maternidade, Docência e Educação Física em Tempos de Pandemia. **Anais** do XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional De Ciências do Esporte, 2021.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-754, 2016.

BITENCOURT, Silvana Maria. Maternidade e universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. **Encontro anual da ANPOCS**. Caxambu, 2017.

D'ÁVILA, Manuela. **Revolução Laura**. Caxias do Sul/RS. Belas Letras, 2019.

FERNANDES, Priscila da Silva. **Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo**. Dissertação de Mestrado na Universidade Estadual Paulista. Araquara, 2022.

GALVÃO, Lize Borges. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, v. 1, n. 1, 2020.

GRUPO DE TRABALHO DE “MULHERES NA CIÊNCIA”. **Propostas de Políticas de Apoio à Maternidade na Universidade**. Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/secre/Downloads/Propostas_de_Políticas_de_Apoio_a_Maternidade_na_Universidade_UFF.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por amostragem domiciliar**. Contínua; 2018.

INSFRAN, Fernanda Fuchi Nogueira; MUNIZ, Ana Guimarães Correa Ramos. Maternagem e COVID-19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. **Diversitates International Journal**, v.12, n.2, p.26-47, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-saomaioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em 17/03/2023.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista De Educação**, Porto Alegre/RS, n. 3, p. 63, 2007.

JUNIOR, Wilson do Carmo; GOBBI, Sebastião; TEIXEIRA, Camila Vieira Ligo. Personal trainer: a profissão, o profissional e a estrutura de um novo mercado. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 1, 2013.

KUHN, Simone Santos et al. Maternidade e Docência em Educação Física. **Anais XXII Congresso Brasileiros de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, 2021.

LAMEIRÃO, Adriana Paz. Mercado de trabalho, desigualdade social e de gênero. **Anais** do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES, v. 1, n. 1, 2011.

MALUF, Vera Maria Daher. **Mulher, trabalho e maternidade**: uma visão contemporânea. Tese de Doutorado. São Paulo, 2009.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017.

MARTINELLI, Rafael. **“Cartas na Manga”**: O circo como conteúdo na Educação Física Infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MATA, Gisele Camilo da. **Quem pode ser mãe**: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2022.

OLIVEIRA, Silvana Corrêa et al. Maternidade e trabalho: Uma revisão da literatura. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 45, n. 2, 271-280, 2011.

OLIVEIRA, Tatiana Viana de. **Maternidade e universidade**: os desafios das mães na graduação da UFF. Trabalho de Conclusão de Curso Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2019.

PINTO, Deborah Gonçalves de Souza. **Maternidade e carreira**: da gestação à volta ao trabalho. Trabalho de Conclusão de Curso Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2022.

RAMALHO, Carla Chagas; CARDOSO, Fernanda de Souza; LOPES, Lorrane Martins. Experiências de mães universitárias da classe trabalhadora e não-brancas em uma universidade estadual de Minas Gerais no Curso de Educação Física. In:

MOURA, Ivana Oliveira Eugênio de Souza. et al. **Por onde Andamos?** Experiências e perspectivas das múltiplas maternidades nas universidades. Rio de Janeiro: Ed. das autoras, 2023.

RIBEIRO, Flavia Gripp. Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2016.

ROSSI, Ana Maria; PERREWÉ, Pamela.; SAUTER, Stevan. Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional. São Paulo: Atlas 2005.

SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. El concepto de género y sus representaciones sociales. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, v. 17, n. 176, 2013.

SANTOS, Alice dos Santos et al. Graduação e maternidade: os desafios das discentes mães no curso de serviço social. **Anais Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, v.16, n.1, 2019.

SANTOS, Juliana Bernardo Silva et al. A vivência da maternidade em meio à pandemia. **Global Academic Nursing Journal**, v. 2, n. Spe. 1, p. e95-e95, 2021.

SILVA, Vanessa Suany. Coletivo Estudantes: Construções, caminhos e conquistas. In: MOURA, Ivana Oliveira Eugênio de Souza. et al. **Por onde Andamos?** Experiências e perspectivas das múltiplas maternidades nas universidades. Rio de Janeiro: Ed. das autoras, 2023.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em estudo**, v. 16, p. 43-50, 2011.

TRISTÃO, Pâmela Andriele da Silva. **Maternidade, Trabalho e Estudos: Análises do caso de alunas mães da Licenciatura em Educação Física da UFRGS durante o Ensino Remoto Emergencial**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, 2022.

UFRGS, **Resolução CEPE n. 025/2020**. 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/wp-content/uploads/2020/08/Resolu%C3%A7%C3%A3o-ERE-CEPE.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2023.